

O RECURSO INTERPESSOAL MODALIDADE EM FALAS DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE DO BRASIL

Ana Paula Santos de Souza¹

Maria das Graças de Oliveira Pereira²

Wellington Vieira Mendes³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo central estudar os usos da Modalidade em falas de remanescentes quilombolas de Portalegre-RN. Como corpus foram utilizadas duas entrevistas, denominadas inquéritos, as quais foram selecionadas na obra A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil, publicada em 2011 e organizada por Medianeira Souza, Wellington Vieira Mendes, Carlos Magno Viana Fonseca. Para subsidiar as interpretações, empregou-se como aporte teórico a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por Mikael Halliday, sendo o foco da pesquisa o recurso interpeessoal Modalidade. Como aporte teórico, utilizou-se, primordialmente, Halliday e Matthiessen (2014) e Fuzer e Cabral (2014). A Modalidade é um recurso modal que expressa atitudes, julgamentos e certezas em relação ao que está sendo comunicado. Em face às interpretações realizadas, percebe-se que a Modalidade é um recurso fecundo para o processo interativo, assim, se configura como importante na construção dos significados interpeessoais, portanto, indispensável no uso da linguagem, principalmente em textos que tem por intenção registrar as vivências, crenças e identidade de um povo, como é o caso dos textos analisados.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Metafunção Interpeessoal. Modalidade.

THE INTERPERSONAL RESOURCE MODALITY IN SPEECHES OF QUILOMBOLA REMNANTS OF PORTALEGRE IN BRAZIL

ABSTRAC

The main objective of this article is to study the uses of Modality in the speeches of quilombola remnants in Portalegre -RN. As a corpus two interviews were used called surveys,

1 Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista FAPERN. E-mail: anapaulassletras@gmail.com

2 Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista FAPERN. E-mail: mariaoliver788@gmail.com

3 Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: wvmendes@gmail.com

which were selected in the work *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*, published in 2011 and organized by Medianeira Souza, Wellington Vieira Mendes, Carlos Magno Viana Fonseca. To support the interpretations, Functional Systemic Grammar (FSG), developed by Mikael Halliday, was used as a theoretical contribution, with the focus of the research being the interpersonal resource Modality. As a theoretical contribution, Halliday and Matthiessen (2014) and Fuzer and Cabral (2014) were primarily used. Modality is a modal resource that expresses attitudes, judgments and certainties in relation to what is being communicated. In view of the interpretations made, it is clear that Modality is a fruitful resource for the interactive process, thus, it is seen as important in the construction of interpersonal meanings, therefore, indispensable in the use of language, especially in texts that intend to record the experiences, beliefs and identity of a people, as is the case of the texts analyzed.

Keywords: Systemic Functional Grammar. Interpersonal Metafunction. Modality.

INTRODUÇÃO

Por meio da linguagem expressamos sentimentos, ideias, informações, opiniões, para tanto, produzimos textos diversos, conforme, por exemplo, nossas intenções comunicativas e nosso papel social, que, por sua vez, variam conforme o contexto. Sob essa ótica, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), estuda a linguagem no contexto de uso e a compreende como um sistema organizado de elementos inter-relacionados, tais elementos incluem não apenas palavras e estruturas gramaticais, mas também suas funções comunicativas. Nesse sentido, a GSF é basilar no desenvolvimento deste artigo para compreender o funcionamento da língua em questões práticas.

O presente trabalho é fruto das discussões realizadas na disciplina Tópicos Avançados em Estudos do Texto: Linguística Sistêmico-Funcional - Usos e Significados, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, na UERN - Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF, e ministrada pelo professor Dr. Wellington Vieira Mendes.

Quanto à escolha dos textos analisados, o professor Wellington foi quem nos inquietou e despertou o nosso interesse pela

escolha do material, sendo eles um dos organizadores da obra.

A Gramática Sistêmico-Funcional estuda a linguagem no contexto de uso, portanto, utilizar dois relatos da obra *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil* se mostrou frutífero, uma vez que revelam o uso efetivo da linguagem, possibilitando refletir sobre os significados, mais precisamente os significados interpessoais com o uso da Modalidade.

Como aporte teórico basilar, utilizamos Halliday e Matthiessen (2014), que têm seus estudos voltados para a Língua Inglesa, e as autoras Fuzer e Cabral (2014), que têm seus estudos voltados para a Língua Portuguesa.

Nas seções seguintes, versamos, de forma introdutória, sobre algumas concepções da Gramática Sistêmico-Funcional, com uma subseção tratando da Modalidade, recurso interpessoal foco da nossa pesquisa. Depois, discutimos brevemente a metodologia empregada na pesquisa. Em seguida, realizamos a análise dos dados, nesta seção selecionamos e interpretamos as escolhas das realizações que indicam Modalidade utilizadas nos textos analisados. Por fim, concluímos o texto com reflexões acerca dos usos da Modalidade, bem como da sua importân-

cia no processo interativo.

1.A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: ALGUMAS CONCEPÇÕES

A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), foi desenvolvida por Michael Halliday na década de 1960. É uma abordagem linguística que se concentra na relação entre a linguagem e seu contexto de uso, enfatizando como a linguagem desempenha funções comunicativas em situações reais. Ela vê a linguagem como um sistema dinâmico que se adapta às necessidades de comunicação dos falantes em diferentes contextos e situações.

Consoante Gouveia (2009, p.14), a Linguística Sistêmico-Funcional é “teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico”. Portanto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, que compreende que os significados vão além da materialização da linguagem, sendo determinados por fatores como contexto e intenção comunicativa.

As autoras Fuzer e Cabral, grandes estudiosas da teoria, afirmam o porquê da denominação sistêmico-funcional. Elas afirmam que é sistêmico “porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados” e é funcional porque esclarece “as estruturas gramaticais em relação ao significado e às funções que a linguagem desempenha nos textos” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19).

Utilizamos a linguagem para significar às nossas experiências, expressar nossos desejos, interagir com o outro, ou seja, para exercer as funções sociais necessárias à convivência em sociedade. Halliday e Matthiessen (2014) discorrem que a língua é vista pela teoria como um sistema semiótico e social constituído por estratos, a saber, semân-

tica, léxico-gramatical, fonologia e fonética, que, por sua vez, são permeados pelo contexto e funcionam simultaneamente.

De acordo com a perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é instrumento de ação condicionado às variáveis de contexto, nomeadas de contexto de cultura e contexto de situação. Tais variáveis são interdependentes, funcionam concomitantemente no processo de significar.

Consoante Fuzer e Cabral (2014, p. 26-27), o contexto de cultura é exterior, é o “ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e institucionais”. Enquanto o contexto de situação é interior ao texto, “é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando.”

O contexto de situação apresenta três variáveis: Campo, que diz respeito à atividade realizada pelos participantes, à natureza social; Relações, que diz respeito aos participantes e aos papéis que desempenham e à interação social exercida por eles; e Modo, que diz respeito à função exercida pela linguagem e ao veículo utilizado para a materialização do texto, bem como às intenções comunicativas dos sujeitos interactantes.

Tais variáveis estão relacionadas às três funções ou metafunções da linguagem apontadas na GSF, nomeadas de metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual. A ideacional se relaciona com a variável Campo e é por meio dela que representamos a realidade física ou mental. A interpessoal se relaciona com a variável Relações e é por meio dela que interagimos com o outro, estabelecemos as nossas relações sociais. E a textual se relaciona com a variável Modo e é por meio dela que concretizamos a linguagem em textos.

No presente trabalho, nos voltamos para a metafunção interpessoal, que compreende a oração como troca, por meio dessa metafunção realizamos a interação, algo tão necessário para o convívio social. O re-

curso interpessoal estudado é a Modalidade, o qual discutiremos na sequência.

A Modalidade

A linguagem é uma capacidade única e essencial dos seres humanos que permite a comunicação por meio de sistemas complexos de signos e símbolos. Ela é uma característica intrínseca da nossa espécie, e é fundamental para a nossa capacidade de transmitir pensamentos, ideias, sentimentos e informações uns aos outros. Dessa forma, por meio da linguagem exercemos nossos papéis sociais, expressamos opiniões, ideologias, crenças, desejos, etc., para tanto, nos utilizamos da metafunção interpessoal, na qual se encontra a Modalidade.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), Modalidade significa provável ou improvável, em proposição, desejável ou indesejável, em proposta. Na Linguística Sistêmico-Funcional esse recurso interpessoal é um dos sistemas semânticos que descrevem como a linguagem é usada para expressar a atitude do falante em relação ao que está sendo dito. Este sistema semântico se concentra na avaliação e na expressão da certeza, probabilidade e necessidade nas afirmações feitas na linguagem. A Modalidade é um componente crucial da gramática que ajuda a entender como os falantes se posicionam em relação à informação que estão compartilhando, é o sistema que expressa os julgamentos do falante/escritor, como mostra a Figura 1.

A Modalidade, como mostra a Figura 1, é constituída por dois tipos, a saber, modalização e a modulação. A primeira ocorre quando há a troca de informações ou conhecimentos, ela pode ser expressa nos graus de probabilidade (certo, provável, possível) ou usualidade (sempre, usualmente, às vezes). As autoras Fuzer e Cabral (2014) afirmam que há diversos recursos léxico-gramaticais

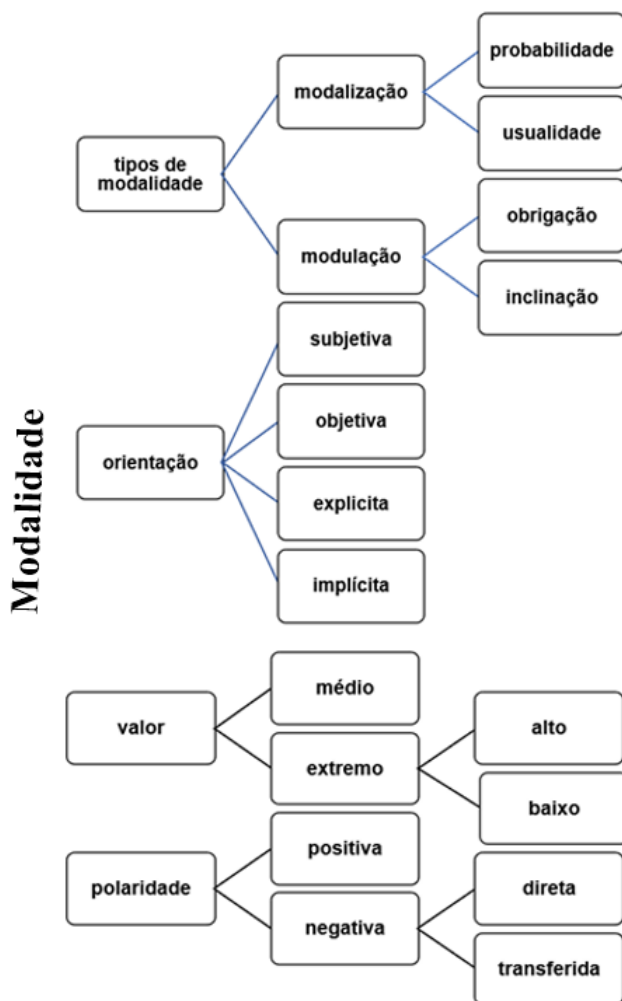
que exprimem modalização, como verbos modais (pode, deve), adjuntos modais (possivelmente, talvez, certamente, seguramente, usualmente, frequentemente, sempre normalmente, raramente, ocasionalmente, eventualmente), grupos adverbiais (sem dúvida, com certeza, às vezes, com frequência) e expressões (é possível, é provável, é certo, é costume).

Já a modulação ocorre em propostas de comando e oferta, nos graus de obrigação (permitido, aceitável, necessário, obrigatório) e de inclinação (inclinado, disposto, desejoso, determinado). Conforme Fuzer e Cabral (2014), diversas realizações léxico-gramaticais podem realizar a modulação, tais como verbos modalizadores (deve, deveria), adjuntos modais (necessariamente, obrigatoriamente, voluntariamente, alegremente) e expressões (é necessário, é preciso, é esperado, está inclinado a, está disposto a).

De acordo com as considerações hallidayanas, a orientação é a negociação, que, por sua vez, pode ser objetiva ou subjetiva, ocorre em proposições e em propostas. A orientação subjetiva refere-se à maneira como os falantes expressam suas atitudes pessoais, avaliações e julgamentos em relação ao conteúdo da mensagem. Isso inclui a expressão de emoções, opiniões, e outras avaliações subjetivas. A orientação subjetiva é, muitas vezes, transmitida por meio de escolhas lexicais, construções gramaticais e modalidades. A orientação objetiva, por outro lado, envolve uma apresentação mais neutra e imparcial da informação, sem expressar as atitudes pessoais do falante, essa forma de linguagem tende a ser mais objetiva, direta e focada nos fatos. É menos transmissão de emoções ou julgamentos pessoais.

Quanto ao valor no sistema de Modalidade de Halliday refere-se aos recursos linguísticos usados para expressar as atitudes e julgamentos. São as escolhas léxico-gra-

Figura 1: O sistema de Modalidade



Fonte: Elaborado com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 150).

maticais que permitem a avaliação ou comprometimento com uma afirmação, sendo os valores situados na escala de graus, nos graus de alto, intermediário ou baixo, dispostos nos polos positivo e negativo.

A escala de grau de Modalidade se refere à maneira como diferentes graus de comprometimento, certeza ou probabilidade são expressos através da linguagem. O grau alto está mais próximo do polo positivo e indica um julgamento incisivo do sujeito falante/escritor. O grau intermediário está entre os polos positivo e negativo e indica um julgamento atenuado. Já o grau baixo está mais próximo do polo negativo e indica julgamento subtendido, implícito.

2. METODOLOGIA

O corpus do presente artigo é composto por dois textos da obra *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*, que tem por organizadores Medianeira Souza, Wellington Vieira Mendes e Carlos Magno Viana Fonseca. Publicada em 2011, a obra apresenta 6 (seis) entrevistas, nomeadas inquéritos, onde são registradas as falas de quilombolas, descendentes de moradores do único quilombo da região de Portalegre, no Rio Grande do Norte. Trata-se de um material que objetiva resgatar “as vivências, as memórias, as tradições culturais e religiosas e os saberes transmitidos nos relatos de experiência pessoal de um agrupamento de

falantes que preserva sua identidade própria” (SOUZA ET AL, 2011, p. 6). Assim, além de importante para a preservação da história do nosso povo, é rico para os estudos que versam sobre a linguagem, pois exhibe o uso efetivo da linguagem, em textos orais, ou seja, textos que trazem formas relativamente espontâneas, portanto, que refletem o modo como a língua de fato é utilizada.

Escolhemos apenas dois textos, inquéritos 01 e 02, pois acreditamos ser o suficiente para comportar, diante das ocorrências de Modalidade identificadas para compor a análise no gênero artigo.

Para identificação das realizações léxico-gramaticais, nos respaldamos nas autoras Fuzer e Cabral (2014), no entanto, isso não foi um fator limitante, tendo em vista que as autoras não limitam as realizações, elas citam algumas realizações prototípicos, sem contar que em textos orais as formas apresentam variedades.

Em A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil, há a seguinte identificação para entrevistador e entrevistados: E (entrevistador); M56-01/ H44-05 (M de mulher e H de homem, seguidos pelos números que correspondem as idades, no caso, 56 anos e 44 anos, respectivamente, depois, pelo número do informante conforme as fichas cadastrais do projeto). Seguimos essa mesma identificação nas amostras.

Na próxima seção, discutimos acerca dos usos da Modalidade nos inquéritos, mostrando como esse recurso expressa posicionamentos, opiniões e pontos de vista dos sujeitos interactantes nos textos analisados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Interpretamos as escolhas léxico-gramaticais que indicam Modalidade nos inquéritos e mostramos que tais escolhas exibem os posicionamentos e julgamentos

dos sujeitos falantes, além de corroborarem para evidenciar as intenções comunicativas, papéis sociais e o contexto desses sujeitos, uma vez que, inevitavelmente, moldamos nosso léxico a esses fatores.

Com o intuito de estudar o uso da Modalidade nos textos, realizamos a seleção de algumas amostras para interpretar, à luz da teoria Sistêmico-Funcional, e evidenciar como os usos desse recurso interpessoal é frutífero na construção dos significados.

Para melhor explicar acerca dos usos modais em foco, dividimos essa seção em duas, a saber, a modalização e a modulação, cada qual discorrendo sobre as particularidades dos dois tipos de Modalidade apontados pela Gramática Sistêmico-Funcional.

A Modalização

A modalização expressa atitudes, julgamentos, probabilidades e modos de ser ou agir. Em outras palavras, a modalização refere-se à forma como os falantes ou escritores indicam seu grau de comprometimento ou certeza em relação ao que estão discorrendo. Ela ocorre em proposições, em troca de informações ou conhecimentos e pode ser expressa em graus de probabilidade e usualidade.

Ao fazer uso desse recurso, o sujeito falante/escritor negocia informações e conhecimentos e tal uso, consoante Halliday e Matthiessen (2014), nos permite entender como os falantes/escritores usam a linguagem para mostrar seu grau de compromisso com uma ideia, sua avaliação da verdade de uma afirmação ou sua atitude em relação ao que está dizendo.

A probabilidade denota as chances de um determinado resultado ocorrer, possibilita a construção de discursos que indiquem certeza, quase certeza ou incerteza, consoante a intenção comunicativa do sujeito fa-

lante/escritor. As realizações léxico-gramaticais em destaque nas amostras 01, 02, 03 e 04 exemplificam o uso da modalização nos graus de probabilidade.

O verbo modalizador *pode* indica a capacidade, a permissão ou a possibilidade de que algo aconteça. Na amostra 01, ele exprime permissão, pois o entrevistador tem o intuito de ouvir a entrevistada, logo, atenua seu dizer para permitir que a entrevistada conte qualquer história. Na amostra 02, vemos que o uso do *pode* denota diferentes intenções. Na linha 20^a, ele exprime possibilidade, com essa escolha linguística o entrevistador sugere uma opção para a entrevistada, assim, essa tem a possibilidade de escolher o tema da história que deseja contar, já na linha 24^a, o uso do *pode* indica possibilidade e é utilizado para construir um discurso que possibilite à entrevistada a chance de não contar nenhuma história naquele momento. Sendo isso confirmado pelo uso do *posso* da entrevistada, que demarcada sua aceitação da proposta. Por fim, a entrevistada usa o *pode* para ratificar sua vontade de estar sendo entrevistada em outro dia.

Assim, o verbo modalizador *pode*, em destaque nas amostras 01 e 02, é utilizado para construir os argumentos dos sujeitos falantes, cada qual com suas intenções comunicativas. Esse verbo apresenta grau médio, o que implica dizer que ao usá-lo os sujeitos atenuam seu dizer, dessa forma, não se comprometem no texto.

Os usos do verbo *deve* e do advérbio *talvez* exprimem uma possibilidade, mas não é uma certeza. Na amostra 03, essas realizações indicam, respectivamente, que a camisa pode estar em determinado lugar e, em resposta, o *talvez* ratifica essa incerteza. Assim sendo, os sujeitos não se comprometem, pois as realizações léxico-gramáticas em destaque na amostra indicam grau baixo.

Já na amostra 04, a expressão é toda certeza indica certeza, todavia, por ser antecederida pelo advérbio *não*, seu sentido é modificado, passando a indicar incerteza. Na sequência, ele diz *mar foi mesmo*, variedade local de *mas foi mesmo*, assim, ele traz verdade ao seu dizer, mas o *não* é toda certeza imprecisa essa verdade, construindo um argumento, a nosso ver, com pouca persuasão.

Além de ocorrer nos graus de probabilidade, a modalização também ocorre nos graus de usualidade, que exprime a frequência que uma informação pode acontecer, que validade ela tem. As amostras 05, 06 e 07 exemplificam o uso da modalização nos graus de usualidade.

Na amostra, percebemos que quase é um advérbio de quantidade utilizado para indicar proximidade em relação a alguma coisa, mas sem alcançar completamente ou sem atingir o resultado. Ele é usado para expressar uma ideia de quase, por pouco, perto de, mas não totalmente. Dessa forma, na amostra 05, o *quase* é utilizado para indicar que a história é quase de trancoso (ou seja, é quase um conto oral que narra histórias não reais). Esse advérbio modalizador denota grau de baixo de usualidade, logo seu uso indica baixo grau do comprometimento do sujeito falante, nesse caso, do entrevistador, que de fato não deve se comprometer acerca do que diz sobre as histórias dos entrevistados.

O advérbio *nunca* indica a negação de qualquer momento no tempo ou a ausência de ocorrência de algo em todos os momentos ou situações. É uma palavra que exprime a ideia de total ausência ou inexistência de uma ação, evento ou condição. Na amostra 06, seus usos, em destaque, corroboram para a construção da experiência da entrevistada com a história da botija (lenda que narra a existência de tesouro escondido e que é apontado por espíritos a determina-

| Amostra 01 | |
|---|----------------------|
| M56-01: não! Você tá cum esse negócio... 8a | |
| E: tô... mais, não! Eu só quero saber história, qualquer históra qui cê quêra mim conta, pode sê 9a | |
| uma históra de tracosos... 10a | |
| | (Inquérito 1, p. 11) |

| Amostra 02 | |
|--|----------------------|
| E: qualquer históra, pode sê de sua vida pessoal, do Pega, do são 20a | |
| Gonçalo, qualquer/ 21a | |
| M56-01: [Pur que mermo qui você qué isso?] 22a | |
| E: Isso é uma pesquisa da Universidade, é... 23a | |
| M56-01: só serve se/ só pode sê hoje? 24a | |
| E: Não! Eu posso vim ôtu dia. 25a | |
| M56-01: pode vim ôtu dia queu, procuro um raciocínio bem perto/ aí prá nós faze uma coisa bem... 26a | |
| bem ajeitadã. 27a | |
| | (Inquérito 1, p. 11) |

| Amostra 03 | |
|---|----------------------|
| M50-02: [levô intê a camisa, e essa camisa deve de tá lá, né?] 190a | |
| E: Talvez ... aí purque é qui se incantava, Aldízia? 191a | |
| | (Inquérito 1, p. 14) |

| Amostra 04 | |
|--|----------------------|
| E: é aquela qui fez seu cabeça vermelha dispará... qué dizê foi antõim qui disse se fô mintira é de 686b | |
| Antõim... 687b | |
| H55-02: não é toda certeza / mar foi mermo/ ele disparô depois queu dei assim o bicho disparo aqui... 688b | |
| | (Inquérito 2, p. 41) |

| Amostra 05 | |
|--|--|
| E: isso é mais lenda, né? É mais lenda, a lenda de Cantofa é quase história de trancoso também, 307a | |
| mas... 308a | |
| (Inquérito 1, p. 16) | |
| Amostra 06 | |
| M56-01: Era não, num era pra mim não, mas, ave Maria, nunca isquici, meu fio 142a | |
| E: e nunca ouviu falar quem foi qui ficou cum a butija não? 143a | |
| M56-01: Não, nunca ouvi falá... e mermo assim eu acho, eu acho que/ mermo ali naquele camim 144a | |
| que vai lá pro santo Antõim... 145a | |
| (Inquérito 1, p. 13) | |

| Amostra 07 | |
|--|--|
| M56-01: Não! Essa pedra do taiado, oi... era/ tu num sabe cumo é aquele mininu, daquele Paulim 167a | |
| quele sempre era mõi pertubado da cabeça? o Vaval? qui chamava de Vaval? Bem/ aí dêxa 168a | |
| qui um dia, toda vida quele quano discia presse canto, ele via os, os guiné cantá, via galã 169a | |
| cantá, aí deu-se que um dia/ qui toda vida quano ele bibia cachaça, tumava cachaça, 170a | |
| chagava uma pessoa pra levá ele e discia presse canto e nem era pra dizê nada a ninguém. 171 ^a | |
| (Inquérito 1, p. 14) | |

| Amostra 08 | |
|---|--|
| E: pronto! E outras pessoas que eu vou precisar de muita gente, aí, sexta fêra de noite eu venho 272a | |
| pra cá pra nós cunversarmos, agora eu preciso mesmo, sabê mais não.. 273a | |
| (Inquérito 1, p. 16) | |

| Amostra 09 | |
|--|--|
| H39-03: mais véi é pur isso ((PAUSA)) cê cuzinha a lagatixa só na água branca ... dentro de três sexta 535b | |
| fêra cê bebe aquela água... num é preciso cê tumá uma panela de pressão todia não... é mais 536b | |
| ô menu um lito ... agora dependeno do tamai sei qui tem aquelas bobó grande sem sal, moço, 537b | |
| sem sal... dentro de três sexta fêra cê cê beba a água pra vê se cê num fica bom.. 538b | |
| (Inquérito 2, p. 38) | |

das pessoas), a entrevistada não esqueceu da história e não sabe quem ficou com a botija. Nunca indica grau de baixo de usualidade, seu uso, nesse caso, não compromete o sujeito falante.

Na amostra 07, temos duas realizações léxico-gramaticais que indicam alto grau de usualidade, a expressão toda vida (realização que se configura como variedade de sempre, utilizada na região Nordeste e comum nos textos orais) e o advérbio sempre, ambos exprimem uma frequência alta de uma determinada informação acontecer, cooperam para o comprometimento do sujeito falante no texto. As realizações em destaque evidenciam o julgamento do sujeito falante acerca de Paulim, o comportamento e as ações desse sujeito são apresentados de forma pejorativa.

A Modulação

Conforme Fuzer e Cabral (2014), a modulação ocorre quando há propostas de comando e ofertas, nos respectivos graus de obrigação e de inclinação. O uso de realizações linguísticas que indicam modulação expressa significados que denotam imperatividade ou facultatividade, sendo fatores como o contexto, o papel social e a intenção comunicativa condicionantes do uso dessas realizações.

A modulação nos graus de obrigação expressa o comprometimento do sujeito falante/escritor na realização de comandos. A imperatividade é um fator saliente nos graus de obrigação, mas há também a atenuação desse comando, a depender da intenção comunicativa do sujeito falante/escritor, bem como seu papel social, intimidade entre os sujeitos interactantes, grau hierárquico, etc. As amostras 08, 09 e 10 exemplificam os usos da obrigação nos textos analisados.

Vou precisar, em destaque na amostra 08, indica uma necessidade futura, aponta

que algo terá que ser feito ou precisará de algo no futuro, assim, a obrigação está explícita na declaração, e a linguagem está sendo usada para comunicar essa aspiração. As expressões eu preciso, amostra 08, e é preciso, amostra 09, também expressam que algo é necessário ou obrigatório. Tais usos constroem os sentidos interpessoais pretendidos pelos sujeitos falantes.

Na amostra 08, o sujeito endossa a necessidade de ter mais gente para entrevistar, enquanto na amostra 09, o sujeito entrevistado está relatando sobre uma crença popular (tomar água com uma lagartixa cozida), e afirma que num é preciso cê tumá uma panela de pressão todia, logo, como o advérbio não, comunica a falta de obrigação ou necessidade. No caso da amostra 08, há uma imperatividade, elemento importante na comunicação interpessoal, pois possibilita que as pessoas expressem suas intenções e necessidades de maneira direta e assertiva.

A expressão tem que indica que algo deve ser feito ou seguido. Na amostra 10, temos as variações tẽim qui e tem qui (realizações fonológicas típicas de textos orais na região Nordeste). Na fala da amostra em questão, tem-se por temática a fé, o entrevistador pergunta se tẽim qui tẽ fé, a entrevistada afirma que sim, tem qui tẽ fé, e acrescenta que A pessoa sem fé num é nada, vale nada, expressando o seu posicionamento acerca da obrigatoriedade da fé.

Nos graus de inclinação, a modulação exprime o julgamento do sujeito falante/escritor na realização das ofertas. As realizações léxico-gramaticais que indicam inclinação apontam a disposição ou a capacidade para ofertar e aceitar as propostas. Não identificamos nos textos analisados amostras nos graus de inclinação.

Amostra 10

E: qué dizé qui **tēim qui** tê fé?

824a

M50-02: **tem qui** tê fé. A pessoa sem fé num é nada, vale nada.

825a

E: por que?

826a

M50-02: se tu num tivé fé numa coisa/ tu vê nada?

827a

E: qué dizê qui a fé é importante assim?

828a

(Inquérito 1, p. 26)

CONCLUSÃO

Aqui então, ressaltamos o papel da Linguística Sistêmico-Funcional diante dos processos comunicativos da língua em contextos de uso, compreendendo que as estruturas e significados são construídos mediante os contextos de situação e contexto de uso da língua.

Desse modo, o objetivo deste trabalho foi estudar os usos da Modalidade em falas de remanescentes quilombolas de uma comunidade de Portalegre – RN. Uma vez que se constituiu como corpus deste trabalho os inquéritos 1 e 2 contido na obra *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*, obra publicada em 2011 e organizada por Medianeira Souza, Wellington Vieira Mendes, Carlos Magno Viana Fonseca, como já dito anteriormente neste estudo.

A modalização se preocupa em expressar as atitudes, julgamentos, assim como probabilidades e modos de ser ou agir. Configura-se, como a capacidade de ser compreendido ou estabelecer as relações ao que está sendo dito/proferido.

A modalização pode ser recorrente em proposições, trocas de informações e conhecimentos em que se constrói saberes e propaga os graus possíveis de probabilidade

de e usualidade.

Ao longo das análises, extraímos os excertos e conseqüentemente constatamos que o verbo modalizador pode indicar a capacidade, a permissão ou a possibilidade de que algo aconteça, já o uso do verbo deve e do advérbio talvez expressa uma possibilidade, não uma certeza.

Enquanto a expressão é toda certeza indica certeza, todavia, por ser antecédida pelo advérbio não, o que nos mostra que o significado pode mudar e indicar de tal forma incertezas. E quando se disse *mar foi mermo*, representa uma certeza, e o não é toda certeza muda o sentido e permite a ideia de expressão de verdade.

Para o quase, dá ideia de uma história fictícia de trancoso, é um modalizar pouco utilizado com esse sentido. E o advérbio nunca indica a negação, excluindo todas as possibilidades de ocorrência. Na expressão *toda vida*, pode ter o sentido de constância, é uma expressão muito presente em textos orais e o advérbio sempre, também expressa constância.

A respeito da Modulação, expressa a ideia de comprometimento do sujeito e a expressão *vou precisar*, permite entender uma possibilidade futura, de modo que eu preciso, e é preciso, permite refletirmos so-

bre a ideia de algo necessário, obrigatório, e daí se constroem os sentidos mediante as relações interpessoais.

A expressão num é preciso cê tumá uma panela de pressão todia, logo, como o advérbio não, tais elementos comunicam para os sujeitos a falta de obrigação ou necessidade.

Os últimos elementos encontrados foram a expressão tem que, representa que algo deve ser feito ou seguido, como um modelo a ser reproduzido. E por fim, as variações têm qui e tem qui há a evidência de inclinação dos aspectos de julgamento encontrados para uma capacidade de aceitar algo ou inclinar para o aceite.

Portanto, com base nos excertos analisados se entende que a Modalidade permite interação para a construção de significados entre os sujeitos envolvidos, algo que é importante para a realização dos atos comunicativos e indispensáveis para a linguagem como um todo, especialmente aquelas em que partem de comunidades populares, pois baseiam-se em vivências menos organizadas ou não organizadas, assim como a evidência de construção de situações que desenvolvem crenças que definem as pessoas envolvidas, e também permitem criar crenças diversas.

Se compreende ainda que, a Modalidade é a possibilidade que pode ser de modo desejável ou indesejável construído entre sujeitos nas relações interpessoais de maneira que se edifica a partir do sentido que está atrelado a semântica e este por sua vez se relaciona com a avaliação e de maneira mais direta com a expressão de certeza ou probabilidade. Logo, a Modalidade é elemento da gramática que assim direciona os falantes a compreender como se estabelecer as relações de comunicação e transmissão/compartilhamento de informações que agreguem interação e/ou julgamentos do falante/escritor.

REFERÊNCIAS

FUZER, A.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). Introdução à Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2014.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. Matraca, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. An introduction to Functional Grammar. London: Edward Arnold, 2014.

SOUZA, M. et al (orgs.). A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil. Mossoró: Edições UERN, 2011.

Submissão: novembro

Aceite: dezembro de 2023.